

## DISCURSOS (CONTRA-)HEGEMÔNICOS E OS DILEMAS DOS PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA \*

Vanderlei José ZACCHI

**RESUMO** *Este trabalho se propõe a discutir os dilemas de professores de língua inglesa diante da posição de hegemonia desse idioma no mundo atual. Primeiramente foi feita uma análise de discursos diversos a respeito do inglês no mundo, globalização e ensino de língua inglesa. Com base nas teorias de Antonio Gramsci e Mikhail Bakhtin, esses discursos foram classificados como hegemônicos, que buscam a manutenção do poder dominante, ou contra-hegemônicos, que buscam a transformação do estado vigente. Posteriormente foram realizadas entrevistas com professores de língua inglesa da rede municipal de ensino de Belo Horizonte, para avaliar como esses discursos são assimilados no meio educacional. Chegou-se à conclusão de que esses professores são amplamente influenciados pelos discursos a que estão expostos, tanto hegemônicos quanto contra-hegemônicos. Como resultado, foram constatadas inúmeras contradições nas falas dos professores, que são também a expressão concreta de seus dilemas. Essas contradições e dilemas constituem a interdiscursividade, ponto de intersecção entre os enunciados em conflito. A interdiscursividade é efeito do caráter dinâmico e inacabado tanto do discurso quanto do sujeito. Os discursos hegemônicos, sendo eles também inacabados, deixam em aberto a possibilidade de transformação, vislumbrada nos depoimentos de alguns professores que mencionaram o ensino crítico como uma forma de contra-discurso.*

**ABSTRACT** *This paper seeks to discuss the dilemmas of English teachers as a result of the hegemonic position occupied by the English language in the current world. Firstly an analysis of several discourses regarding English in the world, globalisation and English language teaching was carried out. Taking the theories of Antonio Gramsci and Mikhail Bakhtin as a basis, those discourses were classified as hegemonic, which seek to maintain the dominant power, or counter-hegemonic,*

---

\* Texto resultante da Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Linguística Aplicada, do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 26 de fevereiro de 2003, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. JoAnne Busnardo.

*which seek to transform the status quo. Subsequently English teachers of Belo Horizonte's local public schools were interviewed, in order to evaluate how those discourses are assimilated in the educational sphere. As a conclusion, it was found that these teachers are largely influenced by the discourses that they are exposed to, both hegemonic and counter-hegemonic. Consequently a number of contradictions in the teachers' speeches were noticed, which are also the concrete expression of their dilemmas. These contradictions and dilemmas constitute the interdiscourse, a space where conflicting utterances intersect. Interdiscourse is thus the effect of the dynamic and open character of both the discourse and the subject. Since the hegemonic discourses are themselves also open and in flux, they offer the possibility of change, envisaged in the accounts of some teachers who mentioned critical teaching as a type of counter-discourse.*

## **INTRODUÇÃO**

O debate sobre a expansão da língua inglesa pelo mundo tem ressaltado os impactos econômicos, políticos, sociais e culturais que esse processo implica. O vínculo de hegemonia e dependência entre os países no atual contexto das relações internacionais é fator determinante nas discussões sobre a natureza dessa disseminação. A promoção da língua inglesa como instrumento de dominação pode ser mais um artifício usado por países como Estados Unidos e Inglaterra para manter sua hegemonia no cenário mundial. Há teóricos no entanto que discordam do caráter intencional dessa promoção, a ponto de considerá-la neutra, natural e, em alguns casos, benéfica. Para outros, ela é inevitável e incontornável e, portanto, não faz sentido contrapor-se. Existe assim uma diversidade de opiniões acerca da expansão da língua inglesa em âmbito mundial. Opiniões que refletem discursos não só contrastantes, mas conflitantes.

O Brasil não tem sido exceção no que se refere à influência do inglês. Qualquer que seja a posição adotada, é certo que não se pode ficar indiferente à situação privilegiada do inglês no mundo e, principalmente, no Brasil. Isso se torna tanto mais evidente quando se leva em consideração os profissionais que lidam diretamente com esse idioma, mais especificamente os professores.

Neste trabalho, partiu-se do pressuposto de que os professores de língua inglesa são amplamente influenciados pelos variados discursos a respeito da posição do inglês no mundo, da globalização e do ensino de língua inglesa.

## **CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS**

Pode-se colocar, para os fins a que este trabalho se propõe, os discursos em duas categorias distintas: hegemônicos e contra-hegemônicos. Para essas definições,

levou-se em consideração o conceito de hegemonia de Antonio Gramsci (2000a, 2000b, 2001, 2002), que pode ser pensado como a relação entre grupos sociais, em que um exerce hegemonia sobre os outros (cf. Morrow e Torres, 1995). Essa relação pressupõe que o grupo dominante se empenhe em negociações com grupos e valores opostos se quiser ganhar o consentimento à ordem social que está promovendo. A noção de hegemonia de Gramsci torna possível a transformação social e enfatiza as resistências que a ideologia dominante deve superar, mas que não pode eliminar totalmente, para se manter no poder.

Discursos hegemônicos são portanto aqueles usados para legitimar uma ideologia dominante e sustentar relações desiguais de poder. Por meio da linguagem, esses discursos geram um senso comum em torno de situações estabelecidas favoráveis à manutenção de um poder dominante e/ou hegemônico (cf. Fairclough, 1989). Discursos contra-hegemônicos – ou contra-discursos –, por sua vez, podem ser usados como forma de resistência à ideologia dominante e para a transformação das relações de poder. A relação entre discurso e poder foi amplamente discutida por Michel Foucault (1997, 1999). Uma teoria baseada em Gramsci e Foucault para investigar relações de poder pode ser útil para a pesquisa no campo da pedagogia de línguas, conforme apontam Busnardo e Braga (2000).

Este trabalho se propõe então a discutir os discursos tanto hegemônicos quanto contra-hegemônicos relativos à posição do inglês hoje no mundo, à globalização e ao ensino de língua inglesa. Essa discussão abrange tanto uma parte da bibliografia que trata desses assuntos quanto sobre as falas de professores entrevistados, que em muitos casos reproduzem ou contestam os discursos dos textos e às vezes de forma até contraditória. O professor de língua inglesa hoje está exposto a uma quantidade tão abrangente de discursos e metodologias que se torna muitas vezes difícil tomar uma posição coerente, e conseqüentemente conciliar teoria e prática. Como resultado, esses professores acabam oscilando entre posições divergentes: ora reproduzem os discursos hegemônicos, ora se contrapõem a eles. Mesmo nos casos em que há a internalização do discurso hegemônico, eles se dão conta de que existem aí espaços para ação e transformação. Entretanto, na tentativa de utilização desses espaços, deparam-se com situações de contradição e dilema, que podem ser colocadas como o efeito das diversas “vozes”, em geral conflitivas, às quais estão expostos. Essas contradições e dilemas constituem a interdiscursividade, ponto de intersecção entre os enunciados em conflito. A interação e o conflito entre os diversos discursos remetem ao conceito de “heteroglossia” – formulado pelo pensador russo Mikhail Bakhtin (1988) –, que contempla o movimento contínuo da língua, de forma a não se efetuar a hegemonia de uma linguagem única. Como mistura de diferentes grupos de linguagens, culturas e classes, a heteroglossia pressupõe diferentes pontos de visão ou diferentes sistemas em interação (cf. Machado, 1995). As discussões de Bakhtin a respeito da linguagem e do sujeito afiguram-se como um complemento importante aos conceitos de hegemonia e resistência de Gramsci.

Quanto aos discursos relativos à posição do inglês atualmente no mundo, existe uma diversidade de opiniões que atesta a complexidade do tema, que não é de natureza apenas lingüística, mas também cultural, histórica, social, política e educacional. É dessa forma que vêm se intensificando na área de Lingüística Aplicada estudos sobre assuntos como línguas minoritárias, bilingüismo, multilingüismo e línguas em extinção. São questões que raramente são discutidas sem se fazer alusão direta ou indireta ao inglês e sua posição atual no mundo.

As teorias da globalização são fundamentais também para esse debate. Os discursos sobre globalização são igualmente divergentes. A globalização pode por um lado ser vista como neutra e benéfica, embora muitos teóricos afirmem que ela é conduzida de forma unilateral e carrega consigo valores de uma cultura eminentemente ocidental, o que pode acontecer em detrimento de outras culturas, em especial as de países periféricos. Por outro lado, há os discursos que defendem uma globalização mais democrática, em que as relações entre os países sejam igualitárias, e aqueles que defendem a manutenção da (ou a volta à) nação e suas fronteiras, tanto físicas quanto culturais e políticas. Ou seja, o global em oposição ao local. O que parece ser uma constante nessas discussões, no entanto, é a importância do papel desempenhado pelo inglês nesse processo de globalização. Nesse caso, também, é raro dissociar globalização da expansão da língua inglesa, ainda que as abordagens a esse respeito sejam igualmente divergentes.

Por fim, há os discursos sobre o ensino de língua inglesa, que estão diretamente relacionados com o cotidiano do professor. Da mesma forma que os anteriores, os discursos dessa área também têm suas características hegemônicas e contra-hegemônicas, ou seja, aqueles que em geral tratam a língua inglesa mais como um instrumento de integração e aqueles que a defendem como um meio de transformação. Os principais discursos hegemônicos se referem ao ensino de inglês para fins instrumentais ou para a comunicação. Os discursos contra-hegemônicos em geral fazem referência a um ensino crítico.

## ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para sua execução, o trabalho foi dividido em duas etapas: uma primeira etapa, sobre material bibliográfico, para levantamento e análise dos discursos citados acima, com suas características e implicações; e uma segunda etapa, realizada em um trabalho de campo em duas escolas municipais de Belo Horizonte (MG), para avaliar como esses discursos são assimilados no meio educacional. Em cada uma dessas escolas foram selecionados quatro professores de Ensino Médio e Fundamental. Cada um deles respondeu primeiramente a um questionário sucinto e foi posteriormente entrevistado. Para tanto, fez-se uso de pesquisa de natureza qualitativa e entrevistas de tipo semi-estruturado. Durante a entrevista, foram passados fragmentos de textos que tratam da questão do inglês no mundo e do

ensino de língua inglesa sob diferentes pontos de vista. As perguntas aplicadas foram baseadas nesses textos e abordaram temas relacionados à posição do inglês hoje no mundo, à globalização e também ao posicionamento do professor em relação a essas questões, suas atividades em sala de aula e seus dilemas em torno do ensino de língua inglesa.

## ANÁLISE DOS DADOS

As questões abordadas neste trabalho, em muitos casos, parecem ser problemáticas para os professores de língua inglesa e representam alguns dos dilemas enfrentados por eles em sua prática diária. Se o que eles expressam nessas entrevistas é resultado de toda a variedade de discursos a que estão expostos e que são mais ou menos internalizados por eles, o que se tem nem sempre é a expressão de uma convicção ideológica, mas a combinação de ideologias diversas ou o conflito entre elas, que em geral resulta em contradições. Essas contradições apontam para dilemas que se manifestam concretamente na fala dos entrevistados e nos levam a pressupor um vasto espaço de interdiscursividade conflituada. Na intersecção entre discursos hegemônicos e contra-hegemônicos, a interdiscursividade nos permite perceber como os entrevistados orquestram as várias vozes a que estão expostos: do entrevistador, dos textos, dos colegas, dos alunos. E como eles incorporam um “discurso alheio” para depois tentar torná-lo seu (cf. Bakhtin, 1988). Em muitos casos, a busca por um “discurso próprio” não chega a ser bem-sucedida, pois é difícil constatar qual o discurso que eles estão de fato defendendo. Essa interdiscursividade permeia todas as falas, em todos os entrevistados. Portanto, não há como classificar as falas como puramente hegemônicas ou contra-hegemônicas – já que há uma justaposição de diversos discursos, ou vozes – mas pode-se supor que o pêndulo tende a balançar ora mais para um lado, ora mais para o outro.

O primeiro texto apresentado aos entrevistados foi o seguinte:

[...] a aprendizagem do inglês, tendo em vista o seu papel hegemônico nas trocas internacionais, desde que haja consciência crítica desse fato, pode colaborar na formulação de contra-discursos\* em relação às desigualdades entre países e entre grupos sociais (homens e mulheres, brancos e negros, falantes de línguas hegemônicas e não-hegemônicas etc.). Assim, os indivíduos passam de meros consumidores passivos de cultura e de conhecimento a criadores ativos: o uso de uma Língua Estrangeira é uma forma de agir no mundo para transformá-lo. A ausência dessa consciência crítica no processo de ensino e aprendizagem de inglês, no entanto, influi na manutenção do *status quo* ao invés de cooperar para sua transformação. (PCN – Língua Estrangeira – 3º. e 4º. ciclos do ensino fundamental, p. 39-40)

\*Contra-discursos são práticas sociais de uso da linguagem caracterizadas pela confrontação de práticas discursivas hegemônicas (por exemplo, os contra-discursos dos negros em relação aos discursos dos brancos).

Esse é um texto que se caracteriza como um discurso contra-hegemônico. A consciência crítica é fundamental para a elaboração de contra-discursos e a transformação do mundo. Nesse caso, o ensino e a aprendizagem do inglês buscam não a legitimação e reprodução de interesses expressos em ideologias dominantes. Tampouco a manutenção do estado vigente, mas sua transformação, visando a uma possível eliminação ou diminuição dessas desigualdades, o que pressupõe resistência e ação por parte do aluno. Dentro da concepção gramsciana de hegemonia, essa transformação se torna possível na medida em que o sistema hegemônico é atravessado por “lacunas” (cf. Busnardo e Braga, 2000) que permitem resistência no seu próprio interior.

O segundo texto lido pelos entrevistados foi o seguinte:

[...] pessoas do mundo todo, em diversas ocupações, passaram a depender do inglês para seu bem-estar. Essa língua tem penetrado profundamente nas áreas internacionais da vida política, dos negócios, segurança, comunicação, entretenimento, mídia e educação. A conveniência de se ter uma língua franca disponível para servir as relações e as necessidades humanas passou a ser apreciada por milhões [de pessoas]. (David Crystal, *English as a global language*, p. 24-25)

Esse texto apresenta um discurso predominantemente hegemônico. Em primeiro lugar, há a noção, ainda que pouco desenvolvida, de que saber inglês é sinônimo de bem-estar. Em segundo lugar, o inglês é colocado como a língua das relações internacionais em diversos e variados campos, o que implica a idéia de que outras línguas não têm condições de exercer essas funções. Por fim, é tomado como certo que uma língua franca, nesse caso o inglês, é necessária e conveniente para as relações humanas, sendo por isso amplamente apreciada. Em comparação com o texto 1, fica evidente que a abordagem do texto 2 não aponta para questões de transformação, conscientização e agência. Está relacionada na verdade com a apresentação da língua inglesa como um instrumento de comunicação, uma língua útil que pode servir a propósitos específicos em escala internacional, abrangendo áreas as mais variadas. Com isso, o inglês não seria utilizado na transformação do *status quo*, mas como instrumento de acesso a uma multiplicidade de bens em todos os cantos do mundo.

A discussão que se segue à leitura desse fragmento, durante as entrevistas, gira em torno dos conceitos de globalização e língua franca internacional, já que o texto trata de relações internacionais no mundo atual. Um ponto fundamental abordado foi a relação existente entre globalização e a posição do inglês no mundo.

O último texto apresentado aos entrevistados foi o seguinte:

É claro que nós não temos o poder de impor nossa vontade como antes, mas a influência da Grã-Bretanha permanece, em proporção maior do que seus recursos militares e econômicos. Isso acontece em parte porque o inglês é a língua franca da ciência, tecnologia e comércio; a demanda por ela é insaciável e nós atendemos a essa demanda seja através dos sistemas educacionais de países “anfitriões”, seja numa base comercial quando o mercado suporta. Nossa língua é nosso maior patrimônio, maior do que o petróleo do Mar do Norte, e a oferta é inesgotável; além disso, apesar de não termos um monopólio, nosso produto singular continua extremamente procurado. Fico contente em dizer que aqueles que guiam as fortunas deste país compartilham de minha convicção da necessidade de investir em, e explorar ao máximo, essa dádiva, esse patrimônio invisível. (Relatório Anual do Conselho Britânico de 1983-84, citado em Phillipson, *Linguistic imperialism*, p. 144-145)

Esse texto evidencia, de forma explícita, a lógica e a ideologia por trás da política de investimento na língua inglesa por parte dos países hegemônicos, neste caso específico a Grã-Bretanha. Considerando-se que este é um documento oficial de uma instituição governamental, existem evidências de que a atual hegemonia do inglês não se deu por mero acaso ou porque essa língua “estava no lugar certo, na hora certa”, como o quer Crystal (1998). Ou seja, essa sua disseminação pelo mundo não obedece apenas a situações conjunturais de relações internacionais e influência recíproca entre os países. Tampouco se pode afirmar que ela se dá por razões meramente lingüísticas, num ambiente em que as línguas competiriam entre si em situações de igualdade. Lendo-se o texto acima, percebe-se que essa disseminação é, na verdade, fruto também de uma política deliberada dos governos hegemônicos de promoção do inglês para fins políticos, econômicos e sociais (cf. Phillipson, 1992). Dessa forma, a língua inglesa pode ser vista como uma mercadoria, passível de ser explorada da mesma maneira que o petróleo. Em alguns casos, ela é parte integrante de um pacote de mercadorias que os diversos países adquirem em suas transações comerciais habituais. Em outros, ela é a mercadoria principal, e tanto pode servir como instrumento ideológico para auxiliar os países hegemônicos a manter sua influência, como também para estabelecer um negócio extremamente rentável para aqueles países: a comercialização do ensino da língua inglesa, que se dá por meio da exportação de materiais didáticos e literários, além de garantir o emprego de professores, pedagogos, lingüistas e outros profissionais especializados em várias partes do mundo. Ao longo dos anos, tanto os EUA quanto a Inglaterra têm erigido uma enorme indústria pedagógica, cujo produto principal é o ensino da língua inglesa.

Sendo este um texto quase agressivamente hegemônico, era de se esperar que ele provocasse reações mais diretas dos entrevistados. Alguns afirmaram abertamente não ter gostado de seu conteúdo. Outros procuraram abordar a ideologia presente no texto. No entanto, alguns preferiram não fazer nenhum comentário mais direto, seja detendo-se em um aspecto mais periférico, seja abordando assuntos alheios ao texto.

É preciso ressaltar que, conforme exposto anteriormente, todos os entrevistados estão perpassados pela interdiscursividade. Não há portanto como classificar o discurso de nenhum entrevistado como totalmente hegemônico ou contra-hegemônico. Na orquestração de discursos alheios, na maioria das vezes os entrevistados não são bem-sucedidos na tentativa de apropriar-se deles, o que torna complexa a compreensão de quais os discursos que estão sendo de fato veiculados.

A interdiscursividade não pode ser vista como uma representação maniqueísta e mecânica de espaços discursivos em oposição, mas do entrecruzamento destes, gerando conflitos de vozes e ideologias que operam intra e intersubjetivamente, como resultado do caráter dinâmico e aberto do discurso. A voz do entrevistador desempenha um papel fundamental na origem desses conflitos. Considerando-se que as pessoas em geral estão expostas, e têm acesso, a um volume muito maior de discursos hegemônicos, a ênfase do entrevistador nos discursos contra-hegemônicos durante a entrevista contribui para a geração de conflitos e a intensificação da interdiscursividade. Seria o caso de se perguntar se esses professores colocam a si mesmos, no seu cotidiano, as questões que lhes foram postas durante a entrevista. E se os discursos contra-hegemônicos presentes em suas falas teriam sido os mesmos e na mesma intensidade caso a voz do entrevistador privilegiasse um discurso hegemônico.

O que reforça a idéia de que a voz do entrevistador foi fundamental para designar o caráter de resistência presente em boa parte dos discursos dos entrevistados é o fato de que nenhum deles fez menção a um ensino crítico ou de resistência em suas respostas ao questionário, que foi preenchido antes de acontecerem as entrevistas. Esse aspecto corrobora a idéia de que, “Embora o ensino de inglês em todo o mundo tenha se tornado uma atividade controversa, poucos profissionais têm considerado a complexidade política de seu empreendimento” (Canagarajah, 1999, p. 3). Além disso, vários professores, em seus questionários, afirmaram a necessidade de “despertar no aluno o interesse pela língua”. Essa afirmação pressupõe uma arena de conflitos em que estão em pleno vigor as relações de poder entre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem de inglês. Esse “desinteresse” do aluno, que muitas vezes se traduz em rejeição pela língua, pode ser interpretado como uma forma de resistência. Porém, cabe ao professor contextualizá-la em um processo de formulação de contra-discursos para a transformação de mundo.

Apesar da acentuada interdiscursividade, alguns discursos hegemônicos e contra-hegemônicos foram recorrentes em várias entrevistas. Entre os discursos

hegemônicos, os mais comuns foram os que defendem o ensino do inglês para a comunicação e/ou do inglês para fins instrumentais. Esses discursos em geral tratam o inglês como um bem a ser adquirido, e que trará dividendos no futuro. Além desses, também foi bastante difundido o discurso que vincula a expansão do inglês à sua suposta facilidade e simplicidade.

No caso do inglês para a comunicação, os entrevistados citaram duas situações em que ele pode ser empregado: nas relações pessoais e nas relações internacionais. No primeiro caso, a vantagem seria um acesso maior a bens, pessoas e informações de todas as partes do mundo, em atividades como viajar, usar a internet ou assistir a um filme. No segundo caso, a vantagem para os países que fazem uso de uma “língua franca internacional” é possuir um poder de barganha maior e ter acesso a bens como ciência, tecnologia e modernidade. Esse discurso foi enunciado também no sentido de que o inglês pode promover o entendimento e a tolerância entre povos e países. Em ambos os casos, o aspecto cultural da globalização contribuiria para o acesso a esses bens.

No caso do inglês para fins instrumentais, a principal vantagem mencionada é a da inserção no mercado de trabalho ou na universidade. Para muitos entrevistados, saber inglês é um instrumento essencial para se obter um emprego ou freqüentar um curso de pós-graduação. Há pelo menos dois outros, e mais importantes, discursos inerentes a essa concepção de utilidade do inglês. Em primeiro lugar, a língua é mais uma técnica a se dominar para adaptar-se a uma exigência mercadológica, o que implica uma tecnologização do saber. Para Pennycook (1998), essa concepção de linguagem é largamente orientada pelos preceitos positivistas do Iluminismo europeu. Em segundo lugar, existe um discurso de ascensão social e profissional implícito no processo de aquisição da língua. O emprego e a vaga na universidade são os primeiros degraus que levam a um futuro de “sucesso”, nos moldes dos valores individualistas das sociedades ocidentais.

Quanto aos discursos contra-hegemônicos, os entrevistados fizeram várias menções aos efeitos prejudiciais da globalização e em vários momentos vincularam a expansão do inglês com o poderio e o imperialismo dos Estados Unidos e Inglaterra. No entanto, o mais importante desses se refere ao ensino crítico do inglês. Em várias ocasiões, houve uma motivação direta do entrevistador, como na discussão do texto 1, em que foi introduzida a questão do uso da pedagogia crítica pelos professores. Em outros momentos, foi iniciativa dos próprios entrevistados mencionar o uso do ensino crítico dialógico, cuja definição neste trabalho foi baseada na concepção de “pensamento crítico dialógico” de S. Gieve (*apud* Benesch, 1999). Através dele, o professor procura mostrar as várias faces de uma mesma questão para que o aluno tenha dela uma visão mais completa e possa perceber as relações de poder envolvidas no processo. Os entrevistados não fizeram referências diretas a esse tipo de ensino, mas com afirmações como “enxergar as coisas por vários ângulos” ou “ver os dois lados das coisas”. É dentro da própria interdiscursividade que o ensino crítico dialógico pode cooperar na formulação de

contra-discursos transformadores. Ou seja, através dos variados e conflitantes discursos que estão em interação no meio social em que se dá o processo de ensino, aprendizagem e uso de uma língua estrangeira.

## CONCLUSÃO

A inter-relação entre os diversos discursos nos permite entrever lacunas no sistema dominante que abrem espaço para a resistência e a ação. O poder dominante, na luta para manter sua hegemonia, precisa estar a todo momento reafirmando seus valores. No entanto, necessita também incorporar certos valores pertencentes à esfera dos grupos subordinados se quiser conquistar seu consentimento. Por esse motivo, o pensamento único que o poder dominante busca difundir entra em confronto com uma variedade de outros discursos, evidenciando então sua própria relatividade. É assim que o imperialismo, o colonialismo e a globalização atual entram em confronto com outras culturas e visões de mundo. Nesse contato, inicia-se a desestabilização do poder dominante.

As contradições reveladas nos depoimentos analisados neste trabalho sugerem que, onde está a hegemonia, está também a possibilidade de resistência, que pode abrir caminho para a transformação. Sendo os professores de língua inglesa influenciados pelas vozes que os rodeiam, tem-se como consequência inúmeras contradições, que são efeito das tensões existentes entre os diversos discursos em conflito. Ensinar um idioma hegemônico e ao mesmo tempo torná-lo um instrumento de transformação de mundo é uma tarefa árdua e os depoimentos analisados confirmam esse dilema.

Portanto as possibilidades de transformação do estado vigente se inscrevem no próprio espaço da interdiscursividade. Pois mesmo o contra-discurso não vive isolado. Fora do seu contexto social, ele perde seu valor e sua força, deixa de existir, como aponta Bakhtin (1990). Por isso ele está também sujeito à influência do discurso hegemônico e é no contato entre ambos que o discurso contra-hegemônico poderá assimilar formas e práticas do poder constituído. A conscientização crítica não pode se dar com a mera substituição de um enunciado por outro. É necessário que as complexas relações de poder, que envolvem também as relações discursivas, sejam expostas e analisadas para que não se dê uma mera substituição de poder sem transformação. Assim, para que o discurso contra-hegemônico seja eficaz, ele precisa estar em constante contato e conflito com outros discursos, inclusive os hegemônicos. Sem esse contato, ele desaparece. É na própria contradição, no próprio conflito, na relação com as forças atuantes do meio social, que o discurso contra-hegemônico se mantém vivo. Esse é o laboratório em que ele negocia com o poder dominante, coloca-se como possibilidade de transformação e eventual tomada e manutenção do poder.

No ensino de língua inglesa, o caminho apontado neste trabalho para se alcançar uma conscientização é o ensino crítico dialógico. O discurso hegemônico tem como função a manutenção do estado vigente e a exclusão de outras vozes. A abordagem tradicional de ensino de inglês instrumental, por exemplo, não produzirá cidadãos transformadores de seu meio social. Ela funciona, de fato, como formadora de técnicos que, integrados a uma filosofia voltada para o mercado profissional, estarão aptos a realizar uma atividade específica. Uma pedagogia dessa natureza pode então funcionar como reprodutora do poder vigente e moldar os sujeitos a esse poder. Um discurso contra-hegemônico, por outro lado, que busque apenas “desvendar” os outros discursos não pode promover a consciência crítica e a transformação. Trata-se de uma atitude monológica que funciona como a outra face da moeda do discurso hegemônico.

Portanto a superação dessa dicotomia requer uma abordagem não apenas crítica, mas dialógica. Não basta apenas colocar o aluno em contato com os discursos em conflito. É preciso o professor levá-lo a perceber o que há por trás dos enunciados, quem os pronuncia e para que fins. É um papel que normalmente tem sido creditado a professores de outras áreas, como história e geografia, mas é fundamental que essa tomada de consciência se dê no próprio ensino de língua inglesa. Pois é na e através da própria língua que os contra-discursos devem ser formulados. A superação da admiração cega e da rejeição não pressupõe a eliminação da língua. O inglês pode se tornar então a própria ferramenta de transformação de mundo. O acesso aos diversos discursos sobre o inglês, a globalização e suas relações se torna mais abrangente com a aprendizagem desse idioma. A formulação de contra-discursos também só será possível a partir de conhecimentos mais adequados dos múltiplos discursos (hegemônicos e contra-hegemônicos) que circulam dentro do âmbito da cultura anglo-norte-americana. São esses conhecimentos que permitirão aos alunos (e professores) tomar suas próprias posições e elaborar as resistências que podem contribuir para o questionamento de hegemonias opressivas.

Dessa forma, o professor, como contextualizador, coloca o aluno em contato com os diversos discursos em oposição, ao mesmo tempo em que explicita as relações de poder que os geram, dando ao aluno condições então de internalizá-los, orquestrá-los e, tornando-os seus, formular seus próprios contra-discursos. Estes não serão portanto discursos autoritários impostos de cima para baixo. Assim, é na interdiscursividade, na intersecção entre as vozes conflitantes, que poderá ocorrer uma conscientização crítica que leve à transformação de mundo. Nesse caso, desempenha papel fundamental o professor, apesar (ou em função) de todos os seus dilemas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. (1988). *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et alii. São Paulo: Unesp/Hucitec.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). (1990). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec.
- BENESCH, Sarah. (1999). Thinking critically, thinking dialogically. *Tesol Quarterly*, v. 33, n. 3, p. 573-580.
- BRASIL. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF.
- BUSNARDO, JoAnne e BRAGA, Denise B. (2000). Uma visão neo-gramsciana de leitura crítica: contexto, linguagem e ideologia. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 38, p. 91-114.
- CANAGARAJAH, A.S. (1999). *Resisting linguistic imperialism in English teaching*. Oxford: OUP.
- CRYSTAL, David. (1998). *English as a global language*. Cambridge: CUP.
- FAIRCLOUGH, Norman. (1989). *Language and power*. Harlow: Longman.
- FOUCAULT, Michel. (1997-vol. 1). *História da sexualidade*. 12. ed. Trad. Maria Thereza da C. Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.
- \_\_\_\_\_. (1999). Verdade e poder. Trad. Lílian Holzmeister e Ângela Loureiro de Souza. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, p. 1-14.
- GRAMSCI, Antonio. (2000a v.2) *Cadernos do cárcere*. Trad. Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_. (2000b. v.3). *Cadernos do cárcere*. Trad. Luiz S. Henriques e outros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_. (2001. v.1). *Cadernos do cárcere*. 2. ed. Trad. Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_. (2002. v.6). *Cadernos do cárcere*. Trad. Carlos N. Coutinho e Luiz S. Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MACHADO, Irene A. (1995). *O romance e a voz: a prosaica dialógica de M. Bakhtin*. Rio de Janeiro-São Paulo: Imago-Fapesp.
- MORROW, R.A. & TORRES, C.A. (1995). *Social theory and education*. New York: SUNY.
- PENNYCOOK, Alastair. (1998). A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, Inês e CAVALCANTI, Marilda C. (Orgs.). *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Trad. Denise B. Braga e Maria Cecília dos S. Fraga. Campinas: Mercado de Letras, p. 23-49.
- PHILLIPSON, Robert. (1992). *Linguistic imperialism*. Oxford: Oxford University Press.